

LINHA VIVA

Nº 248
18/11/93

Golpe baixo

O Setor Elétrico foi pego de surpresa pela manobra articulada pelo presidente da Eletrobrás José Luiz Alqueres, que encaminhou ao Ministro da Fazenda uma proposta de Medida Provisória que permite a privatização integral das empresas federais de energia e preserva em parte a holding, que gerenciaria o Sintrel - Sistema nacional de Transmissão de Eletricidade, cuja criação está prevista no texto. O resultado da venda seria revertido para o pagamento da dívida interna do governo.

Alqueres agiu a revelia do próprio Ministro de Minas e Energia, Paulino Cícero, e num momento em que ele estava fora do país. Cícero vinha representando uma certa unidade em torno da proposta de não vender tudo e iniciar a privatização do Setor pelas 19 obras atualmente paralisadas. Além desta posição há outra defendida pelo DNAE (Departamento Nacional de águas e Energia Elétrica) que seria a privatização total, mas depois da definição de um modelo para o setor.

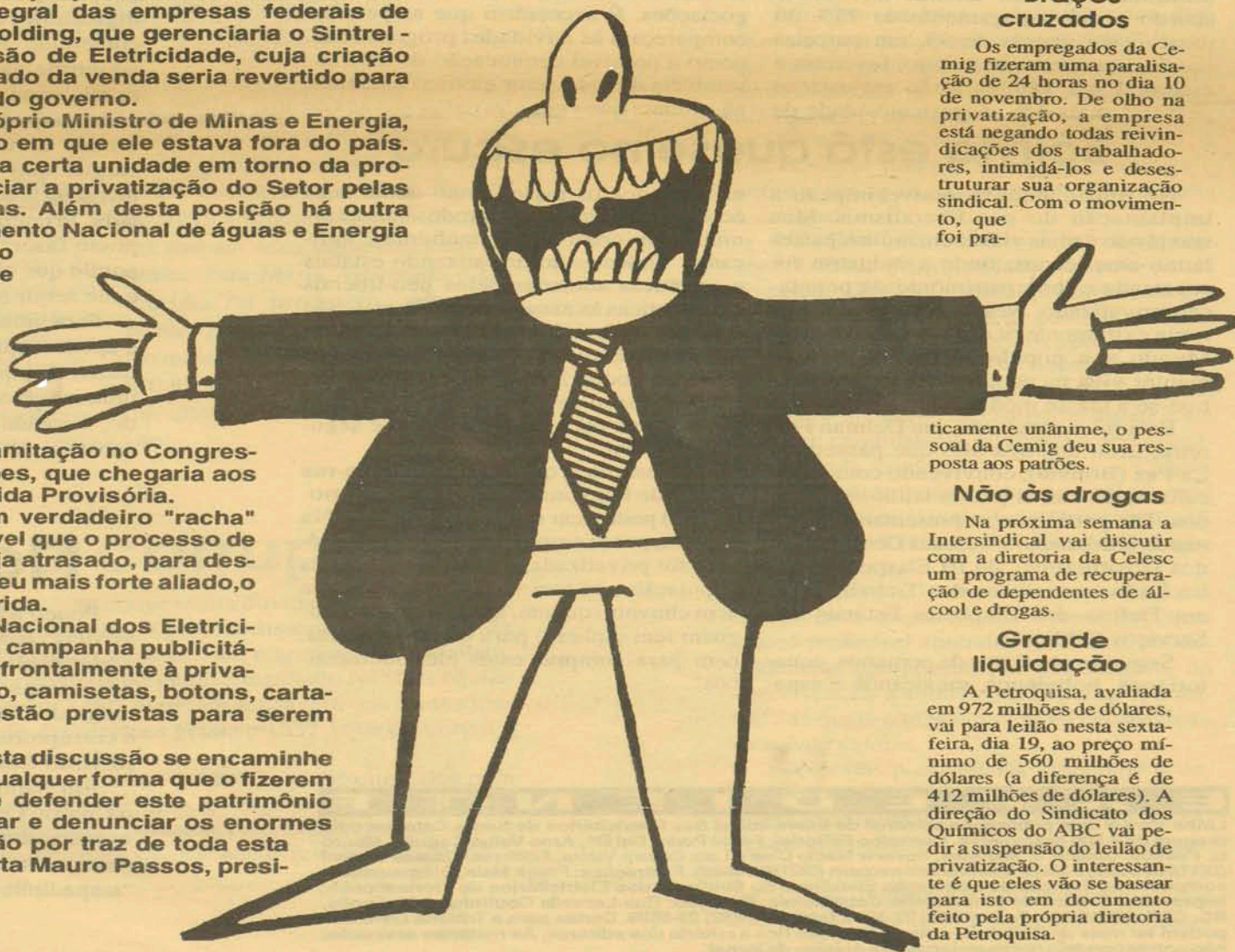
As empresas regionais e as concessionárias estaduais caracterizaram a posição de Alqueres como uma "traição" e vão partir para o ataque - segundo a Folha de São Paulo - tentando sustar a tramitação no Congresso nacional da Lei de Concessões, que chegaria aos parlamentares junto com a Medida Provisória.

Como Alqueres produziu um verdadeiro "racha" nas fileiras do governo, é provável que o processo de privatização do setor elétrico seja atrasado, para desgosto do próprio Alqueres e de seu mais forte aliado, o presidente do BNDES, Pécio Arida.

Enquanto isso, o Comando Nacional dos Eletricistas deve lançar em breve uma campanha publicitária a nível nacional para se opor frontalmente à privatização do Setor. Televisão, rádio, camisetas, botons, cartazes, adesivos e outras peças estão previstas para serem lançadas ainda este mês.

"Não podemos permitir que esta discussão se encaminhe sobre a forma de privatizar. De qualquer forma que o fizerem o Brasil vai perder. Temos que defender este patrimônio com unhas e dentes e desvendar e denunciar os enormes interesses econômicos que estão por traz de toda esta gana de vender as estatais", alerta Mauro Passos, presidente do Sinergia.

VENDE
TUDO



Soutiens e sabonetes

A União detém participação em 1083 empresas de diferentes atividades, como hotéis, fábricas de jeans (Villijack), sabonetes (Phebo) e roupas íntimas (Del Rio). No total estas participações estão avaliadas em 11,7 bilhões de dólares, quantia mais que suficiente para resolver os problemas do Tesouro. Mas, enquanto isto o mesmo governo quer torrar suas estatais estratégicas dizendo que é para sanar as finanças públicas. Talvez para arrecadar dinheiro e salvar outras empresas privadas.

Atenção empreiteiras

O deputado estadual Celso Bonatelli (PDT) quer que o governador Kleinubing e o presidente da Celesc, Raimundo Colombo expliquem porque, quantos e o custo de cortes e religações efetuadas pela empresa a consumidores residenciais entre janeiro de 89 a 31 de outubro de 93. O deputado quer saber que empresas foram contratadas para executar estes serviços.

Braços cruzados

Os empregados da Cemig fizeram uma paralisação de 24 horas no dia 10 de novembro. De olho na privatização, a empresa está negando todas reivindicações dos trabalhadores, intimidá-los e desestruturar sua organização sindical. Com o movimento, que foi pra-

ticamente unânime, o pessoal da Cemig deu sua resposta aos patrões.

Não às drogas

Na próxima semana a Intersindical vai discutir com a diretoria da Celesc um programa de recuperação de dependentes de álcool e drogas.

Grande liquidação

A Petroquisa, avaliada em 972 milhões de dólares, vai para leilão nesta sexta-feira, dia 19, ao preço mínimo de 560 milhões de dólares (a diferença é de 412 milhões de dólares). A direção do Sindicato dos Químicos do ABC vai pedir a suspensão do leilão de privatização. O interessante é que eles vão se basear para isto em documento feito pela própria diretoria da Petroquisa.

Negociações com Eletrosul continuam sexta-feira, 19

Nesta sexta-feira, dia 19, a Eletrosul prometeu entregar para a Intersindical os dados que embasam sua disposição de efetuar um corte de horas-extras, e realizar o pagamento das que forem feitas, apenas em março de 1994. A empresa alega estar com um rombo de 9 milhões de dólares, e ter que cumprir um corte de 10% sob a verba do custeio operacional de 92.

A Intersindical crê que para submeter uma proposta como esta à categoria são necessários vários dados, como a relação de horas-extras realizadas no período 92/93. O diretor do Sinergia, Claudio Ehrensperger, estranha que em menos de um ano a Eletrosul, "de acordo com seu antigo presidente passou de um lucro de 30 milhões de dólares para um déficit de 9 milhões de dólares. Por isto temos que ter todas informações para entender o que aconteceu".

Periculosidade- Foi fechado, dia 16, um acordo para o pagamento da periculosidade para mecânicos de manutenção da Eletrosul. Tubarão e Paraná já aceitaram a proposta, faltando apenas o consentimento do Rio Grande do Sul. O acordo prevê o pagamento de 75% do passivo até agosto de 93, em parcelas iguais, nos meses de janeiro, fevereiro e março. Estes valores serão reajustados pela TR mais 1%. A periculosidade de

setembro e outubro será paga integralmente (30%) com os reajustes, também parceladamente nos meses de janeiro, fevereiro e março. E, a partir de novembro, todos mecânicos de manutenção estarão credenciados permanentemente (com 30%) sem preenchimento do periculfmetro.

Bresser - Nesta sexta-feira, às 14 horas, na sede da Eletrosul, acontece a primeira reunião que discutirá especificamente o pagamento do Plano Bresser. Neste encontro, essencialmente técnico-contábil, a Eletrosul prestará esclarecimentos sobre como calculou o passivo que chegou a números tão díspares como 70 milhões de dólares, 43 milhões de dólares e 21 milhões de dólares.

Eletrobrás - Ontem à tarde, quarta-feira, no Rio de Janeiro, aconteceu mais uma rodada de negociação com a Eletrobrás. O Comando Nacional dos Eletricitários entrou na reunião disposto a discutir a questão da política salarial, porém o Linha Viva fechou antes do encerramento desta reunião. A Intersindical percebe um desinteresse tanto da Eletrobrás como da Eletrosul no encaminhamento das negociações. É necessário que as pessoas compareçam às atividades programadas, como a possível convocação de uma assembléia de todo setor elétrico nacional, na semana que vem.

Bolívia está quase no escuro

No Brasil, ainda é possível impedir a implantação do neo-liberalismo. Mas isto já não é mais viável em muitos países latino-americanos, onde a indústria foi sucateada e todo patrimônio da população privatizado. Nestes lugares uma minoria extramente rica adota padrões de 1º Mundo e a população inteira tenta se manter viva na economia informal. Acabou-se a classe média.

Esta foi a conclusão que Delman Ferreira, tirou dos três dias que passou em La Paz (Bolívia), convivendo com sindicalistas de outros países latino-americanos. Ele participou, representando a Fenadur (Federação Nacional Democrática dos Urbanitários), do III Elasse (Encontro Latino-americano dos Trabalhadores em Defesa das Empresas Estatais dos Serviços Públicos).

Segundo os relatos de peruanos, equatorianos, bolivianos, mexicanos e espa-

nhóis, todos os países estão tendo suas economias atacadas. Em todos eles a fórmula, sem criatividade nenhuma é aplicada. Todos estão privatizando estatais e as táticas adotadas pelos neo-liberais são idênticas às assumidas no Brasil. São Projetos de Lei Sobre Concessões, Planos de Modernização, Lei de Conversões (moedas podres), Política de Ajuste Estrutural, Plano de Incentivo a Demissões e novas leis para aposentadorias e seguridade social.

"O resumo é que o povo está na rua vendendo bugigangas, não tem onde morar, não pode ficar doente e come mal. Na Bolívia, por exemplo, onde a energia elétrica foi privatizada, a grande maioria da população não tem acesso a televisão e nem chuveiro quente, apesar do frio. Ninguém tem dinheiro para pagar as tarifas, nem para comprar estes eletrodomésticos".

EXPEDIENTE

Linha Viva é uma publicação semanal da Intersindical dos Eletricitários de Santa Catarina com tiragem de 7.500 exemplares. Conselho Editorial: Fábio Pedro Dal Bó, Arno Veiga Cugnier, Mauro G. Passos, Glaucio C. Marques, Sovenir Macio Dias e Luiz Cezare Vieira. Editores: Gastão Cassel (DRT/RS 6166) e Marli Cristina Scomazzon (DRT/RS4966). Ilustrações: Frank Maia. Diagramado e composto na Estação de Editoração Eletrônica do Sindicato dos Eletricitários de Florianópolis. Impressão: Gráfica do jornal Diário Catarinense. Redação: Rua Lacerda Coutinho, 149, Fpolis, SC. CEP: 88015-030. Fone (0482) 22-3866 Telefax: (0482) 23-5596. Cartas para a Tribuna Livre não podem ter mais de 30 linhas, e sua publicação fica a critério dos editores. As matérias assinadas não correspondem necessariamente à opinião do jornal.

Morte lenta no trabalho

A vida no último ano para a empregada da Celesc Maria Aparecida de Matos tem sido somente dor e tristeza. Desde janeiro ela anda vagando pela empresa, cada vez mais desanimada, apesar de um tratamento anti-depressivo. Ela foi afastada de sua função por causa de uma lesão por esforço repetitivo (ou LER) e sente que muitos colegas e superiores a "isolam" por que acham que não quer trabalhar. Quer dizer: Maria Aparecida sofre uma dupla discriminação. Primeiro por ter sido afetada por uma doença que a incapacitou e para a qual a legislação e fiscalização do trabalho ainda não estão atentos. E, segundo, pelas pessoas, que, desinformadas, não entendem o que acontece com ela.

Maria Aparecida, 30 anos, trabalha há sete na Celesc, primeiro como digitadora e depois como atendente comercial. Por causa desta lesão, adquirida na profissão de digitadora, ela nunca mais poderá trabalhar com máquinas de datilografar, terminais de computador ou exercer cargos que exijam muito esforço dos seus braços. "Estou sempre irritada. Primeiro pelas coisas que não posso fazer. Depois, por passar por aquilo que não sou. Quero trabalhar e me sentir bem neste trabalho".

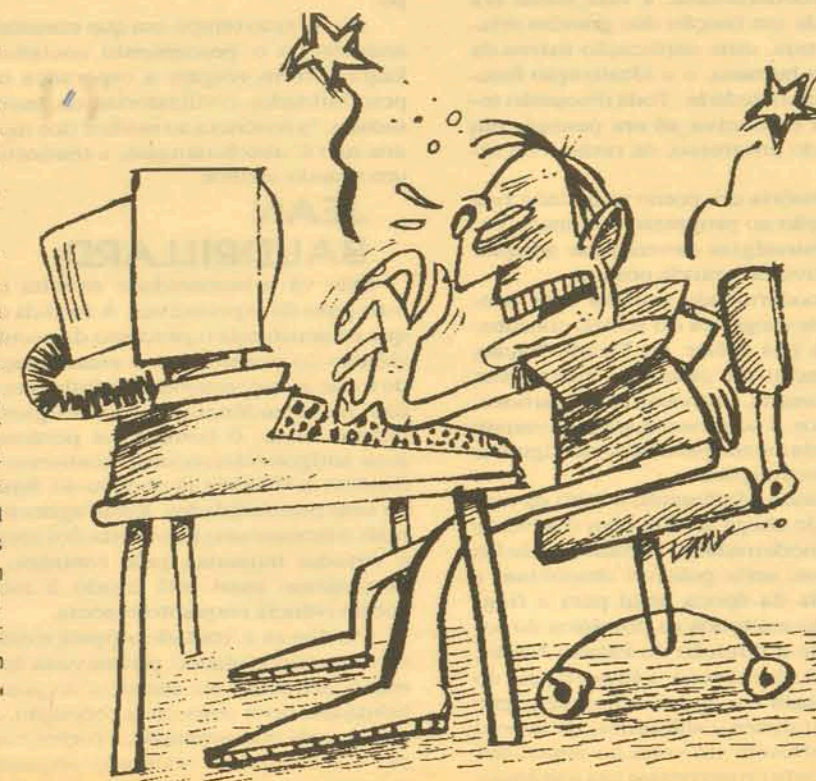
Para uma empresa o trabalhador é apenas aquilo que é capaz de produzir. E, quando nesta empresa, uma máquina estiver se deteriorando, a saúde do trabalhador é que substitui os reparos que deveriam

ser feitos nesta máquina. Por causa disto, hoje 50% dos acidentes de trabalho são doenças ocupacionais (adquiridos na rotina do trabalho). E, de cada 1.000 trabalhadores acidentados, 33% são vítimas pelas lesões por esforços repetitivos (LER).

Buscando conscientizar sindicalistas, pessoal da área da saúde, trabalhadores sobre a ameaça da LER, foi realizado no início do mês, em Florianópolis, o I Seminário Catarinense Sobre Lesões por Esforços Repetitivos. Sovenir Macio Dias, diretor de Medicina e Segurança do Trabalho, do Sinergia, que participou do evento explica que a maioria das empresas sequer reconhece a LER como uma doença. De outro lado, a maioria dos trabalhadores desconhece as normas de ergonomia. "Tudo isto transforma o trabalho numa fonte de doenças."

A faixa etária dos atingidos pela LER é em média de 30 anos. A doença pode ocorrer em várias categorias de trabalhadores: costureiras, digitadores, datilógrafos, passadeiras, caixas de supermercado, carpinteiros, pintores, etc. Na maioria dos casos estas lesões acontecem por causa de um aumento da jornada de trabalho. Ela é uma afecção causada por trabalho contínuo e repetitivo realizado com as mãos e principalmente com os membros superiores.

Entre os motivos da falta de notificação da LER está o medo do trabalhador de ser demitido ou tro-



cado de função. Mas é direito do empregado ser afastado do trabalho durante o tratamento (e não somente do posto de trabalho). Ele deve exigir que seja emitida uma CAT (Comunicação de Acidente de Trabalho) e pedir anotação na carteira do trabalho pelo INSS. Se depois do tratamento a pessoa continuar incapacitada, deve ser encaminhada para o centro de reabilitação profissional.

Mais de 200 pessoas participaram do seminário catarinense, mui-

tos deles trabalhadores e agentes de saúde. Ali, além de entender um pouco melhor o que é a LER, decidiram buscar uma melhor atuação do INSS e procurar que os sindicatos tenham seus departamentos de saúde. Para Maria Aparecida o seminário foi produtivo, principalmente "porque agora os médicos estão mais por dentro do assunto. Senti falta apenas de mais empresários que deveriam estar lá por obrigação".

Floripa faz ato público contra a corrupção

Pouco a pouco os brasileiros vão retornando às ruas, como na época do *impeachment*. Em várias capitais manifestações reuniram milhares de pessoas para protestar contra a corrupção, exigindo "CPI pra valer", "punição de corruptos e corruptores" e ainda gritando contra o golpe da Revisão Constitucional.

Em Santa Catarina as entidades que compõem o Comitê Contra a Revisão deflagram ainda esta semana diversas manifestações de rua. Em Florianópolis, dia 19 será lançada a bem humorada "raspadinha do João Alves" em que, ao raspar,

em vez dos milhões que o patrono da brincadeira diz ter ganho da loteria, vai-se encontrar slogans contra a corrupção. "Enquanto você raspa aqui, eles estão raspando tudo em Brasília", pode estar escrito num bilhete.

Dia 24 Floripa vai ser palco de uma passeata puxada pelo Movimento Estudantil. Após haverá um ato público com participação de entidades democráticas e populares.

Opinião - A CUT divulgou os resultados parciais do plebiscito realizado dia 10 e que mobilizou cerca de 3.600 votantes em Florianó-

polis. Não houve muita dúvida quanto à primeira pergunta: 2.567 pessoas disseram que são contra a revisão constitucional e apenas 890 a apóiam. Na segunda pergunta o resultado foi mais equilibrado: 1.907 disseram ser favoráveis à antecipação das eleições gerais e 1537 votaram contra a antecipação.

Na avaliação da CUT, o plebiscito valeu para proporcionar uma reflexão sobre a situação do país e, especialmente, para evidenciar que o povo brasileiro não quer saber de revisão da Constituição.

TRIBUNA LIVRE

Quem tem medo de democracia?

Glaucio C. Marques
Diretor do Sinergia

Por vezes, nos deparamos com situações em que a construção da democracia enquanto um valor universal tende a ser colocada em cheque. Ou seja, os indivíduos que pautam sua praxis por esta referência são testados.

A eleição de um representante dos empregados da Celesc para o Conselho de Administração proporciona uma destas situações. Na Eletrosul, a eleição direta para Diretor Administrativo e um Conselheiro Fiscal para a Fundação Elos, é outro exemplo.

No caso da Elos a definição dos dois candidatos a serem apoiados pela Intersindical passou pela aprovação de nomes em assembléias gerais, ficando a escolha final para uma plenária de base.

Na Celesc o processo foi diferente. A Intersindical reunida definiu por maioria o nome a ser apoiado, sem nenhuma consulta à categoria.

Na Eleição para a Elos a representatividade e legitimidade do apoio partiu de assembléias e plenária. Portanto, a categoria participou da tomada de decisão, definindo quem os "seus" sindicatos apoiariam.

Cabe dizer que não há nada contra dirigentes sindicais assumirem publicamente, enquanto membros da categoria, apoio a um ou outro candidato. A diferença é que a decisão tomada com relação à Elos e Celesc, implicou em ambos os casos, no apoio formal das instituições "sindicato" e "Intersindical", e não de indivíduos. Os processos é que foram distintos.

Sem dúvida, o exercício da democracia compreende imperfeições, erros e tropeços. Mas é preferível aprender com erros em experiências apropriadas por um coletivo, do que vivenciar a solidão das decisões "perfeitas", as quais não acumulam na constituição de novos valores.

Faço estas ponderações exercendo o democrático direito de, enquanto minoria frente a uma determinada questão, continuar defendendo um ponto de vista que acredito justo. Entendo que a decisão da Intersindical deva ser acatada, creio que o mais importante é que este debate seja feito pelo conjunto da categoria.



Programação do CIC

Esta é a programação de cinema do Centro Integrado de Cultura até o próximo domingo. Os eletricitários têm direito a meia entrada com a apresentação da carteira do Sinergia, conforme convênio do Sindicato com o CIC.

Dia 18 - Quinta-feira

21h30min - Sedução

Dia 19 - Sexta-feira

19h30min - O Piano

21h30min - Sedução

Dia 20 - Sábado

19h30min - Sedução

21h30min - O Piano

Dia 21 - Domingo

19h30min - Sedução

21h30min - O Piano

- A seguir: Mostra de Cinema Israelita, com 4 filmes 35mm legendados.

Qualquer alteração na programação é de exclusiva responsabilidade do CIC.

Três filósofos na Ilha

Luiz Cézare Vieira
Diretor do Sinergia

Nos últimos dias 8, 9 e 10 estiveram em Florianópolis, à convite da UFSC, os três filósofos contemporâneos mais importantes da França: Jean Baudrillard, Michel Maffesoli e Edgar Morin.

Nesta época de esterilidade intelectual que estamos vivendo, a vinda destes filósofos, sem dúvida alguma, significa um louvável acontecimento.

Desde o iluminismo, passando pelo idealismo, freudismo e marxismo, todas as promessas de emancipação humana do século passado se viram frustradas no século XX, e não existe nenhum horizonte teórico-filosófico que prometa a redenção para o século XXI.

Chegamos ao fim dos meta-relatos, das explicações globais, das esperanças utópicas? Sim, pelo menos é o que vem afirmando uma plêiade de filósofos contemporâneos, entre os quais os três que visitaram a ilha.

Trata-se na verdade de uma corrente de idéias que desde Nietzsche, passando por Heidegger, Foucault, Derrida, Lyotard, entre outros, vêm minando os fundamentos iluministas calcados na razão, na universalidade, progresso e emancipação da humanidade.

A querela filosófica de nosso tempo fica por conta dos adeptos da modernidade, também auto-intitulados de neo-modernos e que não abrem mão de certos pressupostos do iluminismo, contra os adeptos da pós-modernidade que romperam com os conceitos de universalidade, razão, progresso e utopia, em favor da heterogeneidade, dos localismos, da fragmentação do presentismo. Aliás, o título do livro publicado pela UFSC trazendo ensaios dos três autores é bem sugestivo: *Decadência do Futuro e a Construção do Presente*.

MICHEL MAFFESOLI

O mais pós-moderno dos palestrantes, debruça-se sobre a sociedade francesa contemporânea, num puro exercício de constatação fenomenológica dos fatos

sociais que atestam, segundo ele, as mudanças de paradigmas.

Na modernidade, a vida social era entendida em função dos grandes relatos, ou seja, uma explicação macro da aventura humana, e a idealização futurística da sociedade. Toda discussão individual e coletiva só era pensada em função do progresso, da razão e do futuro.

A história era como uma linha reta em direção ao progresso contínuo. Todas as estratégias deveriam se adequar ao objetivo do grande projeto.

A modernidade possuía uma concepção homogênea do social, consubstanciada nas idéias de Estado-Nação, organização da cidade e instituições como família, universidade, partidos, sindicatos. Todos os cidadãos deveriam necessariamente participar de algumas destas instituições.

Segundo Maffesoli, o mito da modernidade chega ao fim com o advento da pós-modernidade. Partindo de dados empíricos, seria possível determinar a tendência da época atual para a fragmentação em todos os domínios do social. Com a diluição do Estado-Nação, a volta do localismo, a importância do viver o aqui e o agora, a fragmentação das instituições, estaríamos, de acordo com Maffesoli, de volta ao tempo das tribos. Cada grupo possui sua ideologia. A heterogeneidade se opõe à homogeneidade e a idéia de futuro agora se transforma na idéia do presente, a lógica doméstica substitui a lógica do político.

EDGAR MORIN

Um dos mais importantes pensadores da França, também tem se dedicado à crítica do pensamento socialista da modernidade. Questiona os fundamentos do pensamento marxista, que reduz o ser humano à condição de *Homo faber*, e a sociedade às forças materiais de produção.

As idéias de autonomia e liberdade, afirma Morin, são incompatíveis com a concepção determinista de Marx. Se não existe uma Lei da História, um progresso inevitável, então devemos enfrentar nossa realidade de aleatória, repleta de incertezas e complexidades, ao invés de deixar de nos reduzir pelos maniqueísmos ideológicos.

Sabe-se hoje que o desenvolvimento da ciência, da técnica, da indústria, é ambivalente, pois eleva tanto o nível da qualidade de vida como produz miséria e ameaça a sobrevivência do próprio planeta. É preciso prolongar e transformar

mar a ambição socialista, levando em consideração os aspectos do nosso tempo.

Ao mesmo tempo em que considera anacrônico o pensamento socialista, Edgar Morin resgata a esperança nas possibilidades civilizatórias da humanidade: "a renúncia ao melhor dos mundos não é, absolutamente, a renúncia a um mundo melhor".

JEAN BAUDRILLARD

Este vê a humanidade envolta em uma crise de expectativas. À medida em que se aprofunda o processo de secularização do mundo, com a emancipação de todas as superstições e definhamento das transcendências tanto religiosas quanto laicas, o homem vai perdendo seus antigos referenciais. Acabaram as ilusões, a História já chegou ao limite de suas possibilidades. Resta agora não mais o humanismo iluminista dos ideais e virtudes humanas, pelo contrário, o humanismo atual está ligado à mera sobrevivência enquanto espécie.

Perdeu-se a vontade utópica e caiu-se num materialismo primitivista inumano, artificial. Na ausência de possibilidades, resta somente a repetição, as técnicas de maximização, a performance, o ser humano realizado enquanto mero programa.

RESTAURAR A ESPERANÇA

Cada um a sua maneira, os filósofos franceses exprimem sua percepção do espírito do tempo. Sem dúvida, o mundo mudou e continua mudando de forma sem precedentes na história das civilizações. As teorias do século XIX não mais se adaptam à nossa realidade. A complexidade social bem como as fragilidades inerentes ao ser humano não mais permitem a ilusão de um futuro redentor.

Se não é possível uma leitura literal do pensamento do século XIX até meados do século XX, é preciso resgatar a esperança que nos é legada para a construção de um mundo melhor. É preciso afirmar os valores generosos do iluminismo, do socialismo e do marxismo, e adaptá-lo ao nosso tempo.

A pós-modernidade, como admite o próprio Maffesoli, ao privilegiar os localismos, os grupos, pode vir a se tornar a expressão da barbárie, uma luta de todos contra todos. Particularidade contra particularidade (Bósnia, gangs, Somália, etc...).

Antes de aceder a estas acomodações, à este "espírito do tempo", que não deixa de ser também o produto do próprio capitalismo em sua versão neoliberal, é preciso questionar radicalmente, com a ajuda da filosofia, os rumos contemporâneos da humanidade.

E nós aqui no Brasil temos muito a contribuir refletindo sobre nossos próprios rumos...

Max Ernest

